

ÁGUA DE CACIMBA NO NORDESTE

A água consumida no Nordeste provém, quase sempre, de açudes, pois com exclusão do São Francisco e do Parnaíba, os rios da região não são permanentes. A água que se conserva em seus leitos é pouca; resume-se em manchas esparsas que, assim mesmo, se evaporam logo que o verão se acentua. Disso decorrem transtornos de profundas conseqüências na vida da região para cujo desenvolvimento a água é fator específico.

As populações dos sertões mais recuados são menos favorecidas pelas iniciativas oficiais de combate às "sêcas" e se vêem a braços, periodicamente, com o clássico flagelo. Resultado: o homem, desamparado mas prêso à terra pela fé e pela coragem, trava verdadeira batalha com um inclemente adversário que lhe dizima os rebanhos, cresta as culturas, arrebatava vidas e esperanças.

Não raro a escassez de água força o despovoamento e estende a miséria aos mais extremos flagrantemente. Mas, mesmo diante das dificuldades sempre múltiplas que se opõem ao seu trabalho, o homem nordestino ainda encontra soluções para os problemas mais imediatamente angustiosos, reagindo ao abandono definitivo do seu rincão.

Quando a água escasseia e as matas se transformam no estertor da garrancharia cômica de ferrugem; quando as pedras chamuscam como brasas os pés que percorrem as estradas e, nos campos, os incêndios são provocados pela combustão fácil da almácea e dos paus ressequidos, é nos terrenos mais baixos que o homem encontra refrigério, socorro. Aí, a umidade permanece verão a dentro, nos solos em que predomina a argila negra ou o barro massapê, ocorrências originadas pela sedimentação de compostos químicos arrastados pela água da chuva.

De consistência pegajosa, espessa e plástica, a argila reúne qualidades que impedem a evaporação rápida, concentrando entre suas partículas consideráveis e generosos lençóis de água potável. É o "brejo".

Nos brejos são abertas cacimbas para onde afluem núcleos de povo humilde que vão "apanhar", aos bocados, a água que "nasce" vagarosamente de veios preguiçosos.

As cacimbas obedecem a diferentes modelos: essa diversidade está em função do solo arenoso ou argiloso, de rio ou brejo, respectivamente.

Na gravura inclusa temos uma cacimba de brejo, um dos espécimes mais curiosos da sua ordem. Sua construção é rústica. Primeiramente faz-se um grande círculo no chão com as ferramentas usuais do caboco: pás e picaretas. O círculo se aprofunda até os primeiros vestígios de água. Então, espera-se o rendimento dessa primeira escavação, o qual se atingir alguns palmos permite o consumo imediato.

Até que se extingam esses primeiros veios, uma romaria permanente converge para o jovem manancial. Uma freqüência heterogênea se acotovela em seu redor estabelecendo contacto com vizinhos que se ignoravam, criando uma atmosfera de socialibilidade singular no exotismo das credices, no entendimento das coisas e sua vulgarização. Em pouco a cacimba seca e perseguem-se, mais abaixo, novos veios, se o terreno ainda é propício. A escavação, agora, é feita em círculos mais estreitos até o extremo de permitirem, no interior da cacimba, uma ou duas pessoas, apenas.

Uma variedade grande de cacimbas teríamos, ainda, a exemplificar. Cacimbas de lagoas, de rios, nos brejos, nas vazantes ou ao longo dos caminhos. Todas frutos de esforço inventivo e premência de circunstâncias para dessentendar o Nordeste. Anda o povo quiiômetros e quilômetros com seus vasilhames, seus animais emagrecidos e seus músculos exaustos em quase peregrinação que dá à paisagem desolada das caatingas feição de quadro bíblico.

BARBOSA LEITE.

